

# HISTÓRICO DA ECONOMIA CRIATIVA E A CONJUNTURA DOS MUNICÍPIOS PERIFÉRICOS DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ, BR

Sérgio Luiz Kuhn\*  
Jandir Ferrera de Lima\*\*

## Resumo

Este artigo tem por objetivo “Caracterizar a Economia Criativa, num breve histórico, a sua representação em valores e a conjuntura dos Municípios Periféricos da Região Oeste do Oeste do Paraná, com população inferior a sete mil habitantes”. Pautou-se na compreensão da Economia Criativa, a partir do seu fundador John Howkins, focada no bem intangível que gera riquezas e que é a economia que mais cresce no mundo. Para tal, fundamentou-se em dados de fontes secundárias, em especial de bibliografias e órgãos oficiais do Estado, bem como, em dados primários, colhidos de 13 lideranças em cada um dos 20 municípios periféricos, com população inferior a 7.000 habitantes. Destes, vários são limítrofes a faixa de fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina). A composição do público alvo de pesquisa foi então uma amostra intencional de 13 lideranças, representantes de órgãos público-privados, institucionais e cidadãos, totalizando assim 260 pesquisados. O instrumento de pesquisa foi um questionário com questões objetivas e subjetivas aplicado *in loco* e acompanhado de entrevistas. Como resultado constatou-se no total que os municípios registraram na última década uma densidade demográfica negativa de 1,7% (1.563 habitantes). Também que vários municípios registraram indicadores econômico sociais críticos (IDH e PIB *per capita*), como: Diamante do Sul e Diamante do Oeste, Ramilândia, São José das Palmeiras e outros. Já como municípios dormitórios destacam-se Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Braganey, Ramilândia, Campo Bonito, São Pedro do Iguaçu, Lindoeste, etc., cujos maiores empregadores compreendem os complexos agroindustriais: destacando-se a BRFood, Coopavel, Globoaves, Lar e Copacol, entre outros.

**Palavras-chave:** Economia Criativa; Histórico; Indicadores; Desenvolvimento sócio-econômico; Oeste Paranaense.

## Abstract

This article aims to "characterize the Creative Economy, a brief history, its representation in values and the situation of Western Parana Peripheral Municipalities, with less than seven thousand inhabitants." It was guided in the understanding of the Creative Economy, from its founder John Howkins, focused on intangible asset that generates wealth and which is the fastest growing economy in the world. It was based on secondary data sources, especially bibliographies and state government agencies as well as on primary data collected from 13 leaders in each of the 20 peripheral municipalities with populations of less than 7,000 inhabitants. Of these, several are bordering the border region (Brazil, Paraguay and Argentina). The composition of the search target audience then was a purposive sample of 13 leaders, representatives of public and private agencies, institutions and citizens, totaling 260 surveyed. The research instrument was a questionnaire with objective and subjective questions applied on the ground and with interviews. As a result it was found that the total counties recorded in the last decade a negative population density of 1.7% (1,563 inhabitants). Also that several counties recorded critical social economic indicators (HDI and GDP per capita), such as: Diamante do Sul, Diamante do Oeste, Ramilândia, São José das Palmeiras and others. As dormitory municipalities stand out Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Braganey, Ramilândia, Campo Bonito, São Pedro do Iguaçu, Lindoeste, etc., whose major employers include the agro-industrial complex: highlighting the BRFood, Coopavel, Globoaves, Lar and Copacol, among others.

**Keywords:** Creative Economy; History; Indicators; Socio-economic development; West Paranaense.

\* Doutor em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela UNIOESTE, campus Toledo, Pr. Docente da FAG, Cascavel, Paraná, BR. e-mail: sergiokuhn@gmail.com

\*\* Doutor em Desenvolvimento Regional (Ph.D.) pelo Université du Québec à Chicoutimi, Canadá (2005). Professor de Planejamento e Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil. E-mail jandir@unioeste.br

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata da caracterização da Economia Criativa, apresentando um breve histórico no mundo, no Brasil e no seu contexto na região Oeste do Paraná, representando-a em valores. Discorre também sobre a conjuntura dos 20 municípios periféricos do Oeste do PR, com menos de 7 mil habitantes; os seus indicadores econômico sociais (IDH, PIB *per capita*), população pelo Censo e das condições de municípios dormitórios com o movimento pendular e outros.

Vale destacar que vários municípios estudados localizam-se na faixa de fronteira latina, do Brasil aos países vizinhos: Paraguai e Argentina. Os municípios estudados buscam a melhoria dos seus indicadores econômico sociais, assim como, legais e ambientais, o seu desenvolvimento e valoração, entre outros.

## 2. HISTÓRICO DA ECONOMIA CRIATIVA NO MUNDO E CIDADES

Como caracterização, de acordo com Fonseca Reis (2012, p. 24), o conceito de Economia Criativa origina-se da expressão *Creative Nation* – título dado a um discurso proferido em 1994, pelo então primeiro ministro do país Paul Keating, na Austrália, o qual foi o prenúncio da busca de uma convergência de objetivos culturais, econômicos e sociais.

Ainda, conforme a autora Fonseca Reis (2008, p.16), o termo foi:

inspirado no projeto *Creative Nation*, da Austrália, de 1994, entre outros elementos, defendia a importância do trabalho criativo, sua contribuição para a economia do país e o papel das

tecnologias como aliadas da política cultural, dando margem à posterior inserção de setores tecnológicos no rol das indústrias criativas.

Depois, em 1997, o governo motivou a formação de uma força tarefa multissetorial encarregada de analisar as contas nacionais do Reino Unido, as tendências de mercado e as vantagens competitivas nacionais.

Nesse estudo foram identificados 13 setores de maior potencial, as chamadas indústrias criativas, entendidas como indústrias que têm:

sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que apresentam um potencial para a criação de riqueza e empregos, por meio da geração e exploração de propriedade intelectual (FONSECA REIS, 2008, p.16).

Alguns países em desenvolvimento estão adotando gradativamente uma abordagem semelhante a da Inglaterra. No Caribe, o primeiro-ministro de Barbados estabeleceu uma Força-Tarefa Ministerial da Economia Criativa; o primeiro ministro da Jamaica também reuniu seu gabinete ministerial, selecionando as indústrias criativas como um setor-chave de grande crescimento para a economia jamaicana; os governos dos Estados do Caribe Oriental estão seguindo o mesmo caminho em direção ao seu Plano de Visão 2015.

Na África, a parceria UNCTAD / PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) organizou uma conferência internacional sobre Economia Criativa e desenvolvimento, realizada em Ruanda, em agosto de 2006, preparando o terreno para que o primeiro-ministro obtivesse o comprometimen-

to de todos os seus ministros para aumentar a Economia Criativa do país.

Finalmente, mas igualmente importante, esse também é o esquema em vigor na China, onde os ministros do comércio, da cultura, da ciência e tecnologia, da informação e da educação trabalham mais proximamente desde que o governo chinês identificou as indústrias criativas e culturais como um dos pilares do desenvolvimento econômico da China no futuro.

O relatório sobre Economia Criativa das Nações Unidas, publicado em 2008, contabilizou mais de 60 cidades que se autodenominam criativas.

O pesquisador americano Richard Florida, autor de *The Rise of the Creative Class* (“A ascensão da classe criativa”), elaborou um *ranking* das cidades Americanas mais criativas.

No mundo são marcos de Cidades Criativa: *San Francisco* e *San Diego* nos Estados Unidos, *Barcelona* na Espanha, *Grenoble* na França, *Heindhoven* na Holanda, *Malmö* na Suécia, *Hong Kong* na China, *Abu Dhabi* nos Emirados Árabes Unidos, *Buenos Aires* na Argentina e outros.

Em específico, *San Francisco* nas artes realizou uma combinação de diversidade, inovação e cultura. Quando reduziu em 25% o orçamento das secretarias, a Prefeitura resolveu manter intacta a verba da Comissão de Artes. “Foi uma medida de estímulo ao turismo e à indústria da hospitalidade – restaurantes, hotéis, museus, teatros, os maiores empregadores da cidade”, afirma Luis R. Cancel, diretor de assuntos culturais da comissão.

Ainda, de metrópoles, inspiradoras citadas por Richard Florida, estão *Londres*, *New York*, *Xangai*, *Berlim*, *Amsterdã* e *Bogotá* e outras.

*Londres*, a capital britânica, dá aula de como atrair gente talentosa. Valoriza a arte e seus criadores com incentivos públicos para moradia a baixo custo, além de locais de criação e exibição. Tem uma agenda extensa de eventos de moda, design, cinema, teatro e música, excelente plano de mobilidade interna e também para outras cidades e áreas verdes. Em *Londres*, a indústria criativa é o segundo setor da economia. Responde por 25% dos postos de trabalho.

Já *Amsterdã*, cidade portuária da Holanda, brilha com seus canais e casas flutuantes, pintores famosos, acervos de arte e regiões livres para sexo e drogas.

*Barcelona* soube se reinventar a partir da Olimpíada de 1992, com pesados investimentos em infraestrutura e outros.

No Brasil, são cidades criativas: *São Paulo*, *Paraty*, *Guaramiranga*, etc.

a) *São Paulo*: com as características das maiores cidades do mundo, é luminosa na sua efervescência econômica e cultural, é sombria em qualidade de vida e mobilidade. Ainda assim, atrai pessoas que buscam oportunidades e acesso à arte e à cultura. Nenhuma outra cidade brasileira oferece um cardápio tão vasto de salas de cinema, teatros, galerias, restaurantes e espaços culturais para vários tipos de públicos.

O maior evento de cinema, a *Mostra Internacional de Cinema*, realizada em outubro, reúne mais de 400 títulos exibidos em 20 salas. Na *Virada Cultural*, promovida pela Secretaria Municipal de Cultura desde 2005, o Centro vira palco de shows e performances por 24 horas.

b) *Guaramiranga* no Ceará: conserva a tradição da música e dos saraus literários deixados pela elite

cearense, que fugia do calor do verão da capital, no início do século passado. “Essa vocação estava presente de forma amadora e espontânea. Então, percebe-se que o potencial criativo do cearense não estava no Carnaval, mas na qualidade de seus músicos”, diz a antropóloga Rachel Guadilha, sócia e fundadora da produtora Via de Comunicação. “Encontramos no *jazz* o gênero onde a criatividade fica mais evidente.”

Na primeira edição do festival, em 2000, não havia hotéis ou restaurantes na cidade. Foi preciso convencer os moradores a oferecer suas casas para hospedagem. Hoje tem pousadas, cafés, galerias e serviços que também atendem a população local. Em 2005, o festival gerou mais de R\$ 3 milhões para o município, o equivalente a dez meses de arrecadação de impostos. Hoje, a metade da população que trabalhava na prefeitura transferiu-se para o turismo cultural e ecológico.

c) Paraty no Rio de Janeiro: caminhar pelas ruas históricas é como voltar no tempo. A bela arquitetura colonial está preservada, não há carros no Centro e o calçamento de paralelepípedos mantém o charme do passado. Há oito anos, entre julho e agosto, a cidade vive uma efervescência literária.

Neste ano, moradores e turistas cruzaram nas ruas com as escritoras Isabel Allende e Azar Nafisi, o poeta Ferreira Gullar e o cartunista Robert Crumb. Eles participaram da 8ª Festa Literária Internacional de Paraty. Realizada no período de baixa atividade turística, a *Flip* ajuda a reduzir os contrastes entre a alta e a baixa temporadas ao atrair cerca de 20 mil pessoas.

A cidade viveu a glória do ouro, ficou um século no isolamento e na

década de 60 foi abrigo de intelectuais, para só depois abrir-se ao turismo. “Hoje o que faz da *Flip* um evento singular no calendário literário mundial é o fato de ter nascido da boa leitura do espaço físico e das necessidades da população. É uma festa ‘para’ a cidade e não ‘da’ cidade”, diz o arquiteto Mauro Munhoz, diretor da Associação Casa Azul, que organiza o evento.

A *Flip* gera cerca de 2 mil empregos indiretos e resgatou uma atividade tradicional, a carpintaria naval, usada na construção dos palcos e pavilhões. Criou 33 pequenas bibliotecas escolares e a inclusão de uma hora de leitura por semana nas escolas municipais.

E, assim muitas outras cidades também se destacam e são referência, portanto, de lugares ou espaços que preconizam a integração entre atividades artísticas, culturais e sociais, com arte, paisagens contendo espaços verdes, calmos, cidades com mobilidade, próprios para andar a pé e de bicicleta sem interferência de carros; locais com dinamismo, indústrias e serviços, geram novas oportunidades locais e regionais. São boas para se trabalhar, se divertir, morar, viver, criar os filhos, com segurança e qualidade de vida e outros são necessidades a serem implementadas pelas lideranças nas suas gestões nos municípios.

## **2.1 HISTÓRICO DA ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL**

O embrião das discussões acerca da Economia Criativa no Brasil foi gerado em 2004, com a realização, durante o encontro quadrienal da *United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD)*, em São Paulo, na

sessão temática “*High Level Panel on Creative Industries and Development*” (FONSECA REIS, 2008, p. 19).

Ainda conforme a mesma autora, como resultado concreto das ações seguintes, foi organizado em 2005, sob a liderança do Embaixador Rubens Ricupero, então Secretário Geral da *Unctad* e do Ministro Gilberto Gil, o Fórum Internacional de Indústrias Criativas, em Salvador.

Durante o evento, o ministro ratificou a proposta de criação do Centro Internacional das Indústrias Criativas, cuja missão seria constituir um banco de conhecimento e espaço para as atividades e programas sobre o tema. Embora o centro não tenha se concretizado, o debate acerca da Economia Criativa teve seguimento no país. Em 2006, o Fórum Cultural Mundial, que se desenrolou no Rio de Janeiro, inseriu um módulo paralelo de três dias sobre o tema.

Para Kovács (2008, p. 119), na verdade, já existem muitas iniciativas nesse sentido, como:

a criação de um centro internacional para as indústrias culturais no Brasil, conforme proposto na conferência sobre “Incrementar a Economia Criativa: Formar um Centro Internacional das Indústrias Criativas” (Salvador, Bahia, Brasil, 18-20 de abril de 2005), que pretende oferecer apoio aos stakeholders, aos praticantes e também aos responsáveis pelas políticas dos países em desenvolvimento, interessados na promoção das indústrias criativas autossustentadas.

Pouco depois, no ano de 2007, viu-se desabrochar as iniciativas estaduais, com a organização de eventos específicos, como o do Ceará (por iniciativa privada), em São Paulo (liderada

pelas secretarias de Cultura e Desenvolvimento) e no Espírito Santo (realizada por aliança entre o Sebrae e a Secretaria da Cultura).

Ademais, conferências específicas tiveram lugar na Bovespa (responsável por 70% do volume de negócios com ações na América Latina) e no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), abordando facetas da Economia Criativa.

Avançando nesta área, foi criado por meio do Decreto 7743, de 1º de junho de 2012, a Secretaria da Economia Criativa (SEC), tem como missão conduzir a formulação, implementação e o monitoramento de políticas públicas para o desenvolvimento local e regional, priorizando o apoio e o fomento aos profissionais e aos micro e pequenos empreendimentos criativos brasileiros. O objetivo é tornar a cultura um eixo estratégico nas políticas públicas de desenvolvimento do Estado brasileiro. Está vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), tendo à frente da pasta a secretária Cláudia Leitão.

Pode-se compreender a tomada de decisão do Estado, mediante a sua alocação no âmbito da cultura, por reconhecê-la como um direito constitucional entre as suas prioridades e como foco que contribui para o desenvolvimento.

Conta a Secretaria com o Plano Brasil Criativo, uma iniciativa do MinC e com parceria de intersetorialidade com vários outros ministérios (Educação; Ciência, Tecnologia e Inovação; Trabalho, Indústria e Comércio, Turismo, Cidades, Desenvolvimento Social e Comunicações), por meio de um comitê gestor, propõe a integração de políticas públicas e programas de diferentes setores de governo.

Objetiva estimular e fortalecer a Economia Criativa, mediante parcerias, linhas de crédito e microcréditos adaptadas e apoiadas para produtos e serviços criativos. A inserção dos segmentos criativos nas estratégias governamentais para o desenvolvimento do país, integrando e potencializando as políticas públicas e que resultem em riqueza cultural, econômica e social.

Ainda, há produção de bens, serviços e tecnologias, em diversas áreas, para uma competitividade dos produtos e serviços criativos brasileiros no cenário internacional. Também há gradativa qualificação profissional, aumento das oportunidades de trabalho e geração de renda, contribuindo para a inclusão social.

O Plano Brasil Criativo do MINC / SEC busca nos planejamentos públicos e privados, ampliar a formalização dos diversos segmentos, setores e áreas locais e regionais, amparados nos seus princípios norteadores: inovação, diversidade cultural, inclusão social e sustentabilidade. Esta, no âmbito econômico, cultural, social e ambiental, em condições semelhantes de escolha para as gerações futuras.

De acordo com Haddad (2009, p. 120), a promoção do desenvolvimento local e regional deve:

estar fundamentalmente baseada na formulação e na implementação de políticas, programas e projetos concebidos e implantados a partir da atuação das sociedades locais, cabendo às agências e instituições dos governos federal e estadual o papel de parceiras nesse processo.

Em parceria com outros ministérios e secretarias, bem como, também com instituições públicas e privadas

envolvidas nesse setor, busca a perspectiva de um novo desenvolvimento para o Brasil baseado na Economia Criativa.

Isso significa utilizar a diversidade cultural como insumo, de um Brasil transdisciplinar, construído a várias mãos, com políticas públicas voltadas a produtos e serviços.

Vale destacar a Economia Criativa como uma política econômica industrial moderna do século XXI, na qual os países líderes perceberam a sua presença e importância nos negócios junto aos setores, áreas e atividades geradoras de valores no paradigma produtivo e no mundo atual, em que a indústria moderna de manufatura é a que se mistura aos serviços pelos intangíveis.

Destaca-se que os ganhos obtidos por meio da Economia Criativa são concretos em produtos e serviços factíveis e muito mais, nos processos, conforme adiante.

## 2.2 REPRESENTAÇÃO DA ECONOMIA CRIATIVA EM VALORES

Para John Howkins a Economia Criativa é a economia que mais cresce no mundo. A mesma manifesta-se em variados valores e percentuais por país, estado, município. Mas muitos não têm valores e percentuais mensurados da sua contribuição, impactos e representação.

Diferentes fontes por país apontam que, a Economia Criativa represente entre 5 e 10% da economia mundial. No entanto, em outros países, mais ou menos.

De acordo com a secretária da Economia Criativa do Brasil, Mirian Leitão, a Economia Criativa representa

de 8 a 10% do PIB dos países desenvolvidos e em alguns em desenvolvimento.

O Brasil ainda não consta nestas pesquisas e nem se encontra entre os 20 países de maior expressão nesta área, tendo a sua frente, conforme o MinC com base na UNCTAD (2010), os países da China, Estados Unidos, Alemanha, *Hong Kong*, Itália, Reino Unido (Inglaterra), França, Países Baixos, Suíça, Índia, Espanha, África do Sul e outros.

De acordo com Duisenberg (2008, p. 64), nos países mais avançados, as indústrias criativas, logo a Economia Criativa, estão liderando o crescimento econômico, o emprego e o comércio. Na Europa em específico, a Economia Criativa gerou um:

faturamento de €654 milhões, crescendo 12% mais rapidamente do que a economia total e empregando cerca de 4,7 milhões de pessoas em 2004. No Reino Unido, os números oficiais mostram que as indústrias criativas representam 8% da renda nacional e 5% da força de trabalho – mais do que o setor de serviços financeiros. A Economia Criativa do Reino Unido é responsável por um em cada cinco empregos em Londres, contribuindo com £11,4 bilhões para a balança comercial do Reino Unido, razão pela qual o governo do país decidiu transformar a sua capital no centro criativo do mundo. A Dinamarca é outro exemplo notável em que a Economia Criativa representou 5,3% do PIB, provendo 12% do número total de empregos e representando 16% do total de exportações (DUISENBERG, 2008, p. 64).

Outro exemplo é a capital holandesa, Amsterdã, onde as indústrias criativas empregam 7% da sua força de trabalho, contribuindo com 4,5% do

valor agregado total gerado pela economia da cidade.

As chamadas “cidades criativas” estão se proliferando, especialmente na Europa e na América do Norte, como “cidades de serviços de negócios criativos”, para restaurar as áreas industriais mais antigas e revitalizar a economia, gerando empregos criativos atraentes, especialmente no campo das artes, das novas mídias e do entretenimento para os jovens talentos, que Geralmente estão desprovidos de trabalho.

É importante notar que, nesse caso, são os países desenvolvidos que estão usando a Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento.

Já para Fonseca Reis (2008, p. 17), as estatísticas são reveladoras da representatividade das indústrias criativas na riqueza nacional (7,3% do PIB, em 2005) e com crescimento recorrentemente significativo (6% ao ano, no período 1997-2005, frente a 3% do total).

O impacto das indústrias criativas no Reino Unido em 2007, estimada em 7,3 do PIB, revelando um crescimento de 5% ao ano; de 1,8 milhão de empregos no país, de acordo com o Departamento de Cultura, Mídia e Esporte (DMCS) 157.400 empresas em 2008, representando 7,3% do total das empresas do país, com destaque para as atuantes em *softwares*, jogos e publicações eletrônicas (75 mil, música, artes visuais e do espetáculo 31,2 mil).

Para Solanas (2008, p. 171), uma das características centrais das Indústrias Criativas é a sua grande intensidade na geração de valor e na criação de emprego, a qual a *Unctad* divulga que, entre 2000 e 2005, os produtos e serviços criativos mundiais, cresceram a uma taxa média anual de 8,7%.

De acordo com Piedras Feria (2008, p. 145), no caso do México, recentes estudos estatísticos revelam:

uma intensificação da produção cultural, medida por sua participação no PIB, que atinge 6,7%, bem como por uma maior apropriação ou consumo de bens e serviços culturais por parte das pessoas. Tal crescimento posicionou esse setor como sendo um dos mais importantes para a economia nacional.

Já Solanas (2008, p. 20), estima que:

as indústrias criativas tenham contribuído em 2004 com 7,8% do PIB de Buenos Aires e 4,3% do emprego, assim como a Unctad divulga que entre 2000 e 2005 os produtos e serviços criativos mundi-ais cresceram a uma taxa média anual de 8,7%.

Para Kovács (2008, p. 101), de acordo com algumas estimativas, a participação das indústrias culturais nos PIBs é de cerca de 7% no âmbito mundial, enquanto nos países em desenvolvimento, inclusive na África, ela representa apenas 3%.

Segundo o Ministério da Cultura em seu questionamento: “Quanto vale a Economia Criativa?”. Estima-se que no Brasil, a mesma movimentou quase R\$ 400 bilhões anuais (R\$ 381.300.000,00) em 2006. Contando com 52 mil empresas, as quais em 90% dos casos são de pequenas empresas, que possuem até 19 funcionários; cuja idade predominante em 70% é até 39 anos de idade.

Utiliza 22% da população formal de trabalhadores, com soluções inovadoras e com valor agregado, entre o *hardware* e o *software*, do material com o imaterial, de produto com o serviço(s), para todos os grupos e populações do

país, que representam no geral 16,4% do PIB do Brasil.

De acordo com o MinC, estima-se que em 2010, na área da cultura haviam aproximados 4 milhões de trabalhadores e um faturamento de 95 milhões de reais.

Por outro lado, segundo Solanas (2008, p. 174), a promoção e maior representatividade das Indústrias Criativas com possibilidade de transformarem-se em setores que dinamizem a economia, requerem:

políticas públicas que as apoiem, atores não governamentais que lhes deem suporte, investimentos, parcerias transversais dos diversos atores e entre atores regionais, entre outros fatores. As indústrias criativas podem por si só, ou mês-mo a chamada Economia Criativa, na concepção anglo-saxônica - não geram redistribuição da renda, o que constitui a única forma pela qual é possível pensar em abandonar o estigma de países “em vias de desenvolvimento” para começar a caminhar com passo firme rumo à transformação em países desenvolvidos. Somente a partir de reformas tributárias progressivas que produzam uma autêntica redistribuição, será possível começar a deixar de lado essa condenação.

As indústrias criativas podem contribuir com isso, porém de nenhuma maneira constituem uma panaceia do desenvolvimento. Sem um Estado com instituições fortes que possam apoiar tal mudança, esses desejos estarão mais próximos de um sonhado romance ou de um futuro roteiro cinematográfico, do que da própria realidade. Portanto, requerem a participação de diversos atores e, é necessário encurtar suas distâncias entre eles, potencializar



sinergias e concre-tizar as suas políticas e ações concretas, entre outros.

Por outro lado, Askerud (2008, p. 239) ressalta que,

a ausência de dados relacionados às indústrias criativas, válidos, con-fiáveis e comparáveis, dificulta a elaboração de afirmações oficiais sobre o grau e o valor dos investi-mentos realizados nas indústrias criativas em países e regiões diferentes, bem como, há países nos quais as indústrias criativas pertencem a uma categoria quase que despercebida da economia, ou fazem parte da economia informal, assim como, ainda não se situam como parte da Economia Criativa.

Para Fonseca Reis (2008, P. 31), a Economia Criativa se baseia em uma ampliação dos modelos de consu-mo existentes, a partir do amálgama entre:

as tecnologias que dão ao consumi-dor o protagonismo de suas deci-sões de consumo (e.g., web 2.0) e a identidade cultural que confere aos bens e serviços um caráter único. Cria-se assim um novo está-gio de relacionamento das pessoas com seu ambiente e com a cultura à sua volta, buscando novos mode-los e formas de consumo, com re-presentação na economia dos mu-nicípios, regiões, Estados e países.

Então, assim se revela também a constante busca de ideias geniais que valem dinheiro. De ativos intangíveis e impalpáveis na forma de bens como tesouro, tanto para o Brasil como para os Estados e municípios, em especial para os municípios periféricos da Região Oeste do Paraná, para alcançarem um lugar de destaque nesta paisagem global, sendo mais inclusivo, inovador e utilizando-se doutro grande insumo, o da diversidade cultural e étnica como

vantagem competitiva e riqueza, para uma economia sustentável econômica, social e ambiental.

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN) tem como recorte a classificação em 20 grandes segmentos, que são: Arquitetura & Engenharia, Artes, Artes Cênicas, Biote-cnologia, Design, Culturais, Filme & Vídeo, Mercado Editorial, Moda, Música, Pesquisa & Desenvolvimento, Publici-dade; *Software*, Computação e Telecom; Televisão & Rádio. Segmentos estes que bebem da Economia Criativa e estima-se que ela represente 18% do PIB do Estado.

Enfim, qual é o valor da criativi-dade? O custo de não tê-la, cujo início se dá, pelas pequenas grandes sacadas, que se transformam e também transfor-mam os lugares, distritos, cidades, municípios, regiões, etc., respeitando limitações e potencialidades individuais, conectando-se a pontos em comum, adicionando e agregando valor local e regional. Quem sabe, o caso das casas dos vários negócios.

### 2.3 CONJUNTURA DOS MUNICÍPIOS PERIFÉRICOS DO OESTE DO PA-RANÁ

De acordo com os aspectos pes-quisados, os municípios periféricos do Oeste do Paraná, revelam vários pontos em comum no seu território. Destacam-se historicamente na ocupação pelos seus pioneiros, a partir das décadas de 1950, por uma grande população rural, envolvida na produção de subsistência e autoconsumo de produtos agropecuá-rios.

Este processo passou depois para a mecanização agrícola, pelos pacotes de insumos modernos, mediante a crescente

incorporação de tecnologias, difundido pela extensão rural, por meio dos órgãos de Estado, pelas Cooperativas de produção, empresas, engenheiros, médicos veterinários e técnicos em geral. Esta condição facilitou sobremaneira os serviços e a produção crescente em produtividades, qualidade e em níveis de escala primária, tanto agrícola (cereais e vegetais) como pecuária (bovina, suína, aves, leite), silvicultura e outros.

No entanto, foi um processo que impulsionou o êxodo rural, mediante a migração da população para novas fronteiras agrícolas em outras regiões e estados do Brasil (Mato Grosso, Bahia, Tocantins, Piauí, Pará, Rondônia, Roraima, etc.) e para o exterior (Paraguai, Bolívia), assim como, a migração para as cidades, municípios e polos regionais.

Diante deste movimento migratório, destaca-se o esforço das cooperativas de produção e das integrações agropecuárias e agroindustriais na mesorregião Oeste do Paraná, na fixação e manutenção do homem no campo.

Difundiu-se a diversificação das atividades da propriedade rural com a produção pecuária, *in natura* e matérias primas, de aves, suínos, bovinos, leite e outros, fortalecendo-se a agricultura familiar e a agroindústria. Esta transição foi apoiada ao longo dos anos por diferentes incentivos de programas de fomento do governo federal, estadual e municipal, incorporada em maior grau pela população dos municípios periféricos das culturas e tradições de descendência europeia (alemães, italianos, poloneses).

Assim, existem atualmente vários destaques isolados nos municípios periféricos, com forte produção pecuária, a exemplo da bacia leiteira, cujo recolhimento da matéria prima *in natura*

normalmente se destina aos municípios próximos e ou distantes, realizando então o intercâmbio de matéria prima.

Neste sentido, no Paraná, as indústrias e agroindústrias locais atualmente são variáveis por município. Grande parte dos municípios periféricos possui poucas ou o mínimo de indústrias, enquanto alguns nem dispõem de área própria para o parque ou polo industrial.

Dentre os municípios periféricos pesquisados, na Economia Criativa, destacam-se pelos seus melhores desempenhos: Pato Bragado, Quatro Pontes, Entre Rios do Oeste, Maripá, Mercedes, Serranópolis do Iguçu e outros.

Em específico, Pato Bragado por possuir indústrias em diferentes segmentos: Cerâmica (São Luiz), Calçados (Beira Lago), Confecções/costura (5 ou 6) e lavanderia; máquinas e equipamentos agrícolas (Schemaq) e de equipamentos de refrigeração (Ludwig), Indústria e Comércio de Laticínios (*Latco*) e outras.

No segmento de confecções destacam-se vários municípios, dentre eles: Pato Bragado, Santa Lucia, Iguatu, Ramilândia, Lindoeste, Campo Bonito (miniconfecções) e outros.

Neste sentido, como o das confecções, o custo de logística de distribuição de diferentes itens de produtos e serviços do interior é mais difícil, demorado e maior, do que se dependesse do modal aéreo, ferroviário, etc., por isso, a logística física mais favorável é a da proximidade com as rodovias.

Já a indústria dinâmica ou de ponta, que emprega muito capital e alta tecnologia, utiliza-se mais de mão de obra qualificada e pouca ou menos

operacional, paga maiores salários e remunerações.

Atua mais os segmentos da química farmacêutica; informática / *softwares*, aeroespacial, telecomunicações, metal mecânico, eletrônica e outros. Estas indústrias se localizam mais nas cidades polos, nas microrregiões, a exemplo da PratiDonaduzzi em Toledo e outros.

Por outro lado, a “Indústria baseada em conhecimento” não sinônimo de “indústria de alta tecnologia” é mais próxima a Economia Solidária, a Economia e Indústria Criativa, aquela indústria que tem origem na criatividade, habilidade e no talento individual.

Tem um potencial de crescimento econômico social, bem como, de empregos, pela exploração do intangível, da propriedade intelectual dos pequenos aos grandes negócios em ambientes criativos e para o mercado, mediante a geração de bens e serviços que impactam em riquezas em geral.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1 INDICADORES ECONÔMICO-SOCIAIS DOS MUNICÍPIOS PERIFÉRICOS

As condições econômicas, sociais, culturais, ambientais e outras, são, de um lado, causas de muitos benefícios e, por outro, de privações, sendo estas condições associadas a questões de migração, renda e pobreza, fome, criminalidade e exclusões, bem como, de perspectivas pessoais, profissionais, familiares e outras.

Utilizando-se de fontes e dos dados mais recentes indicados, apresenta-se a figura 1.

A conjuntura destes municípios periféricos da Região Oeste do Paraná é bastante variada. Com relação ao Indicador de Desenvolvimento Humano (IDH), medido anualmente pela Organização das Nações Unidas (ONU), um comparativo que envolve renda, educação (alfabetização), esperança média de vida ao nascer (longevidade), natalidade e outros fatores, apresenta-se de muitas diferenças, porém de gradativos avanços a cada década, conforme apresentado na Figura 2.

A partir desta, constata-se que houve uma melhora gradativa do IDH, no *ranking* em todos os municípios periféricos do Oeste do Paraná, sendo a média geral em 1991 de 0,43235, em 2000 de 0,59485 e em 2010 de 0,70355, revelando entre as duas décadas, um crescimento de 37,5% na primeira década e de 18,2% na segunda década.

Registram os mais baixos desempenhos, medidos pelos índices de IDH, basicamente nas três décadas, nos municípios de Diamante do Sul, Rami-lândia, Diamante do Oeste, Lindoeste, Campo Bonito, São Pedro do Iguaçu e Ibema. Utilizando-se como base 2010, o município de Diamante do Sul alcançou 0,608, sucedido por Rami-lândia e Diamante do Oeste; considerando renda, educação e saúde (longevidade), o que acompanham níveis de pobreza, analfabetismo, além das sérias questões sociais, fome, miséria, exclusões, saúde, criminalidade e outros.

Por outro lado, os municípios periféricos com os mais altos indicadores de IDH decrescentes foram Quatro Pontes com 0,791, sucedido por Serranópolis do Iguaçu, Entre Rios do Oeste, Maripá, entre outros, cuja classificação em duas faixas de retículas

(baixo e alto), pode ser vista pela figura 2, representada pelo mapa.

Conforme a Figura 2 verifica-se pelas duas faixas de classificação, tendo com baixo desempenho de IDH (retícula escura), Diamante do Sul, Ramilândia, Diamante do Oeste, Lindoeste e Campo Bonito e outros. No outro extremo estão os municípios de alto desempenho de IDH (retícula clara), a saber: Quatro Pontes; Entre Rios do Oeste; Maripá; Serranópolis do Iguaçu; Pato Bragado e outros.

Nota-se que, os municípios de alto desempenho de IDH estão com a localização mais próxima, na maioria na microrregião de Toledo, enquanto os de baixo IDH estão distribuídos mais na microrregião de Cascavel, revelando assim também que, quanto maior é o polo maior também é a dependência do polo, revelando assim no geral desempenhos e quantitativos mais críticos.

Já o Produto Interno Bruto (PIB) corresponde à soma em valores monetários de todos os bens e serviços finais produzidos a preços correntes em uma determinada região (país, estados, municípios) e comercializados, durante um período determinado de tempo (mês, trimestre, ano). E *per capita* é calculado a partir da divisão do PIB pelo número de habitantes da região e indica quanto cada habitante produziu em determinado período.

No caso, calculado na forma *per capita* nos municípios Periféricos da Região Oeste do Paraná, revela-se variável, mas ascendente quantitativamente ano a ano, conforme demonstrado na figura 3, na forma de gráfico.

Conforme a figura 3, observa-se no geral que houve um crescimento médio na produção por habitante de 18% do Produto Interno Bruto *per capita* a

preços correntes de mercado, durante o ano, no período de 2009 a 2010.

O maior crescimento foi de Entre Rios do Oeste de 46,5%, sucedido por Santa Lúcia 33,7% e São José das Palmeiras 31,4%. Já o menor crescimento registrou-se em Ouro Verde do Oeste com 3,4%, sucedido por Iracema do Oeste 3,6% e São Pedro do Iguaçu 4,8%.

Quanto aos valores, o menor PIB *per capita* é de Diamante do Sul, que passou de R\$ 7.107,00 para R\$ 8.791,00, sucedido por Diamante do Oeste e Ramilândia, enquanto que o maior é de Maripá, que passou de R\$ 24.256,00 para R\$ 28.425,00, sucedidos por Entre Rios do Oeste e Quatro Pontes.

O PIB *per capita*, colhido junto a fonte do Iparde 2009 e 2010, refletiu-se nos níveis de renda, IDH e outros, sendo o mesmo baixo, compromete os demais indicadores econômico-sociais dos diversos agentes econômicos, bem como, de ações por implementar para melhorar os seus indicadores e desempenhos, além do território e o seu entorno, a capilaridade das ações e o acesso a bens e serviços, entre outros.

Já quanto ao Censo populacional os municípios periféricos apresentaram desempenhos variados, alguns com ganhos e outros com perda de habitantes, sendo esta confirmada em maior proporção nos municípios pesquisados, com os seus resultados de indicadores também mais críticos.

Os mesmos resultados foram apresentados na Figura 4, porém pelo percentual de crescimento habitacional do maior % ao menor, conforme o gráfico.

A partir da Tabela 1 e desta Figura 4, esta disposta do maior ao menor crescimento na década, constata-

se que a população residente nos municípios periféricos em 10 anos registrou um crescimento negativo de aproximadamente 2% da sua população, perdendo 1.563 habitantes, passando de 91.274 para 89.711 habitantes.

Este crescimento negativo, ocorreu em 12 municípios, com perda de população, registrou-se pela ordem em Campo Bonito (14,1%), Lindoeste (13,9%), Iracema do Oeste (12,6%), São Pedro do Iguçu (10,8), Braganey (7,4%) e São José das Palmeiras (6,6%).

Por outro lado, destacaram-se pelo crescimento positivo os municípios de Pato Bragado com 19,1%; Entre Rios do Oeste 17,7%, Mercedes 9,5% e Ramilândia 6,9%.

Para a manutenção do quantitativo populacional nos municípios periféricos, devem no mínimo os seus artistas, talentos, empreendedores formais e informais, visionários e outros.

Viverem da sua arte, criação e produção, terem os seus espaços de convívio e interação multissetorial, dos locais para o compartilhamento de experiências, o fortalecimento de redes e suas relações para ampliarem seus mercados.

Que consigam mediante um caldo maior de cultura transformá-lo em inovação na forma de bens e serviços com valor agregado e em riquezas, a exemplo dos países ricos (G8), os quais o são pelo que produzem de tecnologias e soluções, incorporando gradativos conhecimentos e transformando-os em bens e serviços factíveis aos variados mercados consumidores, dos tradicionais aos mais exigentes e sofisticados.

### 3.2 MUNICÍPIOS / CIDADES DORMITÓRIOS DO OESTE DO PARANÁ

Quanto aos empregos nos municípios periféricos pesquisados, o maior empregador normalmente é a própria Prefeitura Municipal, envolvendo o funcionalismo público, sucedido pelo comércio em geral. Além do poder público ser um incentivador e propulsor da economia local, criando, gerando empregos e riquezas.

A grande maioria dos vínculos laborais nos municípios é formal, enquanto outra parte é informal.

Devido à falta de oportunidade e de empregos, os mesmos são alcançados em municípios vizinhos, centros maiores e ou polos regionais, cujo apoio, recrutamento, encaminhamento e seleção são realizados de diferentes formas pelos municípios periféricos, às vezes pelas Agências do Trabalhador, Secretarias da Ação Social, Indústria e Comércio, CRAS, etc, ou então procedidas pelas próprias empresas contra-tantes nos referidos municípios.

No entanto, estão entre as principais queixas levantadas sobre a carência da mão de obra, bem como, sua qualificação e capacitação profissional, entre outros.

Assim, muitos municípios dos pesquisados são conhecidos como municípios ou cidades dormitórios<sup>11</sup>,

<sup>11</sup> Cidade Dormitório é uma nomenclatura utilizada pela bibliografia. Nesta tese, a mesma foi transposta e ampliada, estendendo-se ao município como dormitório, pois é nele que ocorrem todas as ações de movimento pendular, com o deslocamento diário de trabalhadores para a cidade, distritos, vilas e povoados, destinando-se ao trabalho numa indústria, empresa ou comércio, localizada normalmente num

pelo movimento pendular, com o seu respectivo deslocamento diário quantitativo de trabalhadores utilizando-se do meio de transporte ônibus e Vale Transporte, em via pública municipal e ou intermunicipal, da sua residência para o local de trabalho junto às empresas empregadoras, localizadas nos polos regionais e municípios vizinhos.

Neste caso, são os maiores beneficiados pelas suas forças centripetas: Cascavel, Toledo, Medianeira, Matelândia, Marechal Cândido Rondon, Cafelândia, Palotina e outros.

Em sua maioria, compreendem os segmentos empregadores dos complexos agroindustriais, metal mecânico e outros, conforme apresentados na Figura 5.

De acordo com a Figura 5, verifica-se pela ordem decrescente que, dentre os municípios periféricos da Região Oeste pesquisados, o movimento pendular, sendo os maiores dormitórios: Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras e Braganey, tendo cada qual aproximadamente 460 empregados, sucedidos por Ramilândia, Campo Bonito, São Pedro do Iguaçu, Lindoeste, Diamante do Oeste, Anahy, Ibema e outros, em menor quantidade, dentre 200 a 350 trabalhadores diários.

O movimento pendular, pelo quantitativo de trabalhadores diários ocorre para as cidades polos de: Cascavel, Toledo, Medianeira, Matelândia, Marechal Cândido Rondon, Palotina, Cafelândia e alguns outros menores.

As empresas e complexos industriais usuárias desta mão de obra média

diária em movimento pendular são apresentados na Tabela 2.

Por segmento econômico ocorre, em primeiro lugar, aos complexos agroindustriais, em especial os abatedouros de aves, suínos e bovinos de diversas cooperativas agroindustriais e empresas da região. Em segundo lugar, o segmento metal mecânico, das empresas Mascarello e Comil com aproximados 330 trabalhadores e, por fim, dos fármacos pela PratiDonaduzzi e outros.

Salienta-se que tal movimento pendular com fins de trabalho, com o acentuado deslocamento cotidiano, é classificada ainda como uma salvação para a grande maioria dos pequenos municípios, principalmente envolvendo as plantas dos complexos agroindustriais, localizados nos municípios próximos e polos regionais, as quais ditam as regras do jogo pela sua condição econômica.

Um conjunto de motivos contribui para a gradativa migração dos filhos, jovens e mais vulneráveis, sendo eles: a) busca de oportunidades e perspectivas de trabalho, emprego e renda; b) estudo e/ou qualificação profissional; c) laços familiares, amizade e ou então, d) movidas pelas sérias questões sociais, o que ocorre aos municípios vizinhos melhor estruturados e aos polos regionais.

No final, retornam poucos as suas origens, permanecendo então mais os pais, porém apresentando *pari passu* a manifestação natural de sua senilidade, tanto no meio rural como urbano, bem como, a redução da força de trabalho, refletindo-se nas suas perspectivas para a estagnação econômica dos municípios periféricos.

Por outro, registra-se a entrada gradativa de imigrantes levantados nos

---

município vizinho maior, polo e depois, no final do expediente retorna a sua residência.

municípios, a dos brasiguaios e paraguaios para as atividades da construção civil, a cultura da mandioca e os serviços operacionais e braçais, menos qualificados, manifestando-se em Serranópolis do Iguaçu, Maripá, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado, etc, assim como, a busca pela saúde pública gratuita.

Ainda, parte da migração ocorre ligada ao setor terciário, as atividades do comércio e dos serviços em geral, da Prefeitura tratando-se do funcionalismo público.

Também pela dependência dos municípios e centros maiores próximos, ou então dos programas de transferências de renda; da Bolsa Família, das aposentadorias, pensões, auxílio doença e acidentes, e outras rendas. Essas são cada vez mais significativas, entre 500 a 1000 beneficiados por município periférico, conforme foi informado pelos gestores públicos municipais, recursos estes gastos no próprio município.

Os municípios periféricos sofrem da carência de recursos financeiros e materiais, da qualidade da sua gestão e das equipes, de políticas públicas, discursos e práticas, rixas políticas, trocas de prefeitos por cassações, impugnações, conchavos e outros, questões que prejudicam a credibilidade da gestão pública, durante os seus mandatos, conforme vistos em Ramilândia e Braganey, ante uma população que espera muito ou demais da prefeitura e dos seus governos, quando não os vê como a única saída para o crescimento e desenvolvimento do seu município.

Outra dificuldade é a manutenção da estrutura criada pelo governo (CRAS, postos de saúde, escolas), com os custos da equipe de funcionários, materiais, máquinas, equipamentos e imobilizados em geral, infraestrutura,

estradas e outros, que fica para a prefeitura por em funcionamento depois da inauguração e ou sua abertura.

Por outro lado, influencia no desenvolvimento dos municípios periféricos o capital social, pelas origens do povo e sua cultura, a partir da colonização, que se tem revelado em desenvolvimento significativo, em predomínios dos des-cendentes europeus, (alemães, italianos, poloneses), destacando-se um em especial, Pato Bragado, local em que os mesmos são de aproximadamente 90% ariana e os demais 10%; isso que o torna um município diferenciado, nos diversos segmentos de atividades econômico-produtivas e resultados.

Vale ressaltar também dentre os melhores indicadores econômico-sociais, de PIB *per capita*, IDH, Índices de IPARDES de Desempenho Municipal (IPDM), Razão de Dependência (%), longevidade, entre os municípios que são menos dormitórios, melhores infra-estruturas, etc., destacam-se os municípios de: Quatro Pontes, Mercedes, Maripá, Entre Rios do Oeste, Serranópolis do Iguaçu e Pato Bragado.

Nestes, os munícipes tem uma interação maior e melhor com o poder público e, se conhecem. Percebeu-se que as ações são mais proativas, prospectivas e realizadoras, tornando-os municípios bons de morar e viver, com qualidade de vida, perspectivas e outros.

Vários municípios pesquisados se identificam também pelos seus lemas (slogans) como: Município da Longevidade - Quatro Pontes; Terra de Água Boa e, Trabalhando pelos que Mais Precisam – Iguatu; nos Caminhos do Crescimento - Entre Rios do Oeste; Integração e Sustentabilidade - Serranópolis do Iguaçu; Viver sem Fronteiras – Pato

Bragado; Transformando Esperança em Qualidade de Vida – Lindoeste e, outros lemas por município.

#### 4 CONCLUSÕES

Verificou-se que a Economia Criativa completou duas décadas, após o discurso de *Paul Kretzing* na Austrália, cujas ideias se propagaram pelo mundo e tornou-se realidade em diversos países, representando na média entre 7 a 10% do PIB, sendo para John How-kins, pai da Economia Criativa, a que mais cresce no mundo.

No Brasil iniciou destacando-se São Paulo e depois se estendeu aos demais estados e municípios, nos seus diversos segmentos de atividades econômicas imateriais, em diferentes proporções.

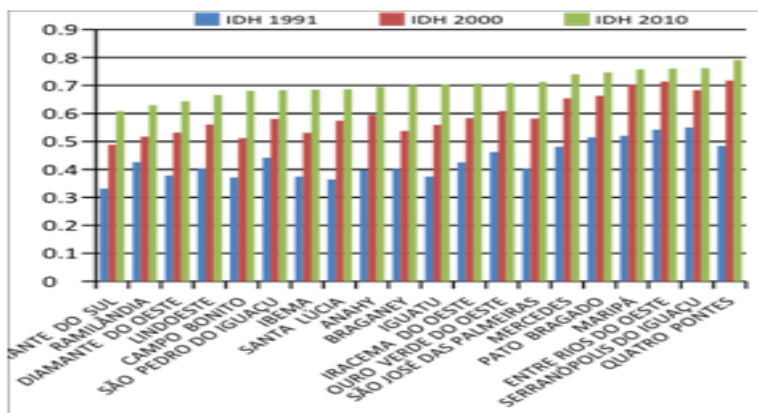
Já a conjuntura dos municípios periféricos do Oeste do Paraná é variável, sendo a maioria ainda forte no setor primário e vários apresentam indicadores econômico-sociais críticos (IDH, PIB *per capita*), Cidade, Dormitório e outros, o que gera a migração da sua população para os

municípios vizinhos e regiões com forças centrípetas, a exemplo na região para Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu, Medianeira, Marechal Cândido Rondon, Matelândia, Palotina, Cafelândia e outros.

Assim, alguns municípios se destacaram pelos seus indicadores econômico-sociais e pelas atividades da economia criativa, dos serviços e diferenciais oferecidos a sua população e ao seu entorno, dentre eles: Pato Bragado, Quatro Pontes, Maripá, Entre Rios do Oeste, Mercedes, Serranópolis do Iguaçu e outros.

Por outro lado, apresentam resultados mais críticos os municípios de Diamante do Sul e Diamante do Oeste, Ramilândia, São José das Palmeiras, Lindoeste, Campo Bonito, Ibema, Ouro Verde, Braganey, entre outros, os quais carecem de uma ação proativa e engrandecedora, a partir dos seus agentes econômicos, de forma integrada e indutora do desenvolvimento local e regional, entre outros.

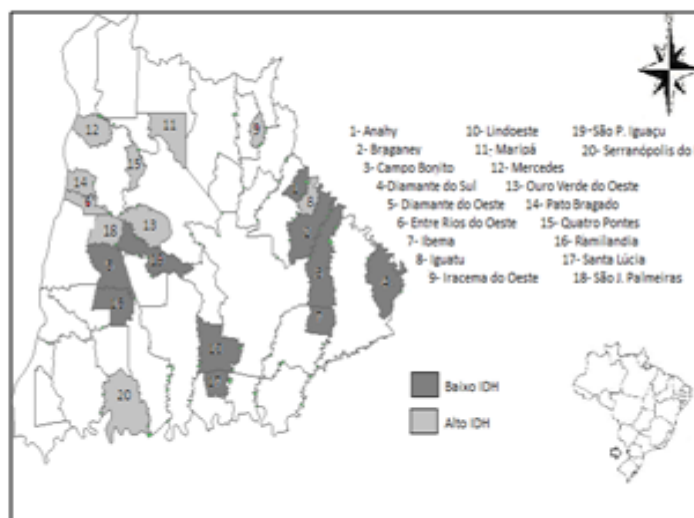
Figura 1 – IDH (1991, 2000, 2010).



Fonte: IPARDES, (1991, 2000, 2010).

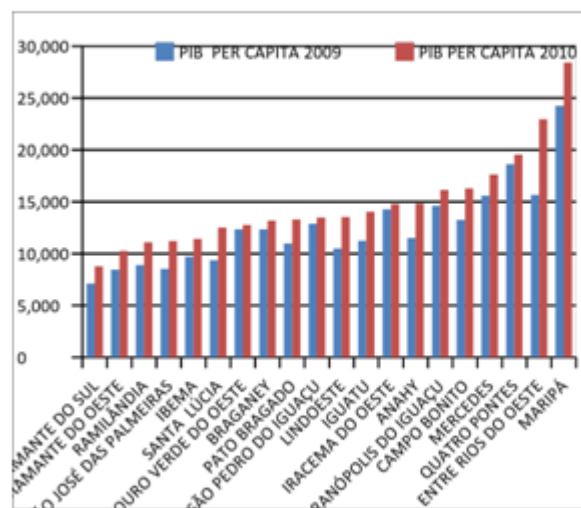


Figura 2 – IDH 2010, divisão em 2 faixas de classificação dos Municípios Periféricos da Região Oeste do Paraná.



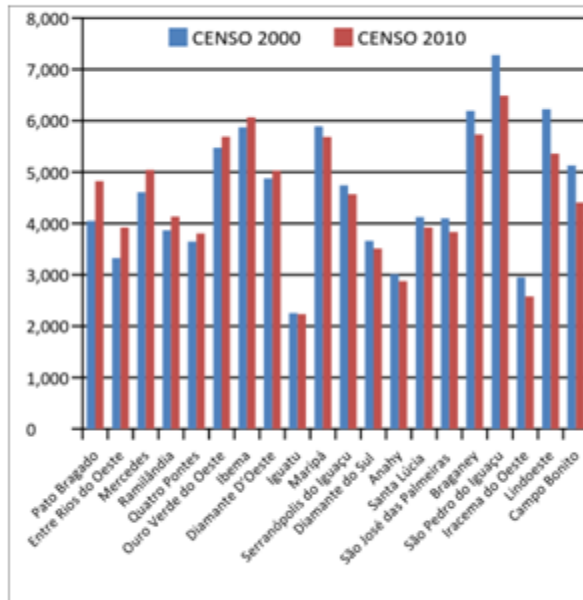
Fonte: Resultados de pesquisa, 2013.

Figura 3 – PIB per capita de 2009 a 2010 dos Municípios Periféricos da Região Oeste do Paraná.



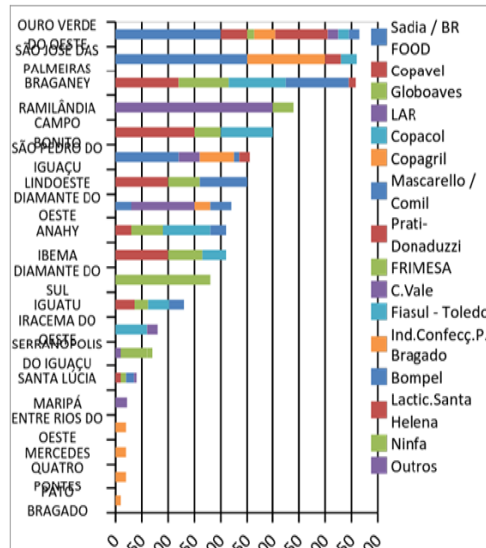
Fonte: Resultados de Pesquisa e IPARDES, (2009).

Figura 4 – População dos Municípios Periféricos da Região Oeste do Paraná (Censo de 2000 e 2010).



Fonte: IBGE, (2000,2010).

Figura 5 – Municípios / Cidades Dormitórias da Região Oeste do Paraná



Fonte: Resultados da pesquisa, 2013.

Tabela 1 – Censos Populacionais, do Menor ao Maior de Crescimento e do Maior ao Menor Percentual, por Município Periférico:

MUNICÍPIOS	CENSO 2000	CENSO 2010	HABITANTES	% DE CRESC.
Peto Bragado	4.048	4.323	774	19,1 %
Entre Rios do Oeste	3.328	3.922	594	17,8 %
Mercedes	4.808	5.048	433	9,0 %
Ramilândia	3.888	4.134	246	6,3 %
Quatro Pontes	3.848	3.893	157	4,1 %
Ouro Verde do Oeste	5.472	5.892	220	4,0 %
Itama	5.572	5.858	184	3,3 %
Diamante do Oeste	4.878	5.027	149	3,1 %
Iguatu	2.266	2.234	- 21	- 0,9 %
Maripá	5.888	5.834	- 206	- 3,5 %
Terraópolis Iguatu	4.740	4.688	- 172	- 3,7 %
Diamante do Sul	3.868	3.610	- 148	- 4,1 %
Anahy	3.011	2.874	- 137	- 4,6 %
Santa Luísa	4.128	3.826	- 201	- 4,9 %
São José Palmeiras	4.102	3.831	- 271	- 6,6 %
Braganey	8.181	6.736	- 468	- 7,4 %
São Pedro do Iguatu	7.277	6.481	- 798	- 12,0 %
Itaómena Oeste	2.861	2.678	- 173	- 12,8 %
Lindóia	8.234	6.381	- 882	- 13,9 %
Campo Bonito	6.128	4.407	- 721	- 14,1 %
TOTAL	61.274	58.711	- 1.683	- 1,3 %

Fonte: IBGE, (2000,2010).

Tabela 2 – Movimento Pendular diário de funcionários por empresa.

Empresa	Funcionários	Empresa	Funcionários	Empresa	Funcionários
Sadia / BRFood	800	LAR	470	Mascanelo / Coml	330
Coopavel	596	Coopac	445	Prati - Donaduzzi	150
Globo-aves	561	Coopagri	335	E. outras	-----

Fonte: Resultados de Pesquisa, 2013.

## Referências

ASKERUD, Pernille. As Indústrias Criativas: Perspectivas da Região da Ásia-Pacífico. *In ECONOMIA CRIATIVA como Estratégia de Desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento*. Ana Carla Fonseca Reis (org). - São Paulo: Itáú Cultural, 2008. 267 p.

DUISENBERG, Edna dos Santos. VISÕES GLOBAIS. A Economia Criativa: Uma Opção de Desenvolvimento Viável? *In FONSECA REIS, Ana Carla (org). Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento*. São Paulo: Itáú Cultural, 2008. 267 p.

FONSECA REIS, Ana Carla (org). **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itá Cultural, 2008.

\_\_\_\_\_. (org). **Cidades Criativas: da teoria à prática**. São Paulo: SESI-SP editora, 2012. 236 p.

HADDAD, Paulo. R. Capitais Intangíveis e Desenvolvimento Regional. **Revista de Economia**, v. 35, n. 3 (ano 33), p. 119-146, set./dez. 2009. Editora UFPR.

**INSTITUTO Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. Leituras regionais: mesorregiões geográficas Paraná-enses: sumário executivo. – Curitiba: IPARDES, 2004.

KOVÁCS, Máté. A Economia Criativa e a Erradicação da Pobreza na África: PRINCÍPIOS E REALIDADES. *In* FONSECA REIS, Ana Carla (org). **Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itá Cultural, 2008. 267 p.

PIEDRAS FERIA, Ernesto. México: Tecnologia e Cultura para um Desenvolvimento Integral. *In* FONSECA REIS, Ana Carla (org). **Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itá Cultural, 2008. 267 p.

SOLANAS, Facundo. Economia Criativa e as Possibilidades de Desenvolvimento na Argentina. *In* FONSECA REIS, Ana Carla (org). **Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itá Cultural, 2008. 267 p.

*Recebido em 08/04/2015*

*Aprovado em 15/05/2015*